

# Do Paço Patriarcal aos Palácios Nacionais

## Transferência das obras de escultura dos jardins de S. Vicente de Fora

SANDRA COSTA SALDANHA

Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja

Quando há meses concluíamos um capítulo dedicado à escultura do mosteiro de S. Vicente de Fora, na sua mais recente publicação, pudemos então apresentar novos dados referentes aos desaparecidos jardins monásticos<sup>1</sup>. Como frequentemente sucede, desde logo os resultados da investigação se revelavam exíguos. Mas disso mesmo prossegue a pesquisa, e novas pistas se abriam para estudos vindouros.

Fechada a edição, na apreciação do trabalho, na partilha dos dados, emerge como fundamental o Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças. Agradeço à Celina Bastos a informação. Dados inéditos vinham clarificar alguns daqueles hiatos, mas já não a tempo de integrarem a obra. A essas revelações se deve este breve artigo.

Acervo ao qual nem sempre é dada uma justa atenção, não é de facto ali que se descortinam autorias, contratos de obra ou informações coevas para a História Moderna. Mas a sua preponderância vai muito além dessa facticidade. É nas séries documentais que encerra, nos preciosos arrolamentos de bens culturais, testemunhos conservados da desditosa execução da Lei da Separação do Estado das Igre-

jas, que se encontram aquelas que serão, porventura, as derradeiras, mais incólumes e completas descrições de centenas de conventos, mosteiros, igrejas e dioceses que, desde 1911, viam despojados os seus edifícios, alienado e disperso o seu património. Desencadeando um processo, sem precedentes, de nacionalização do património da Igreja Católica em Portugal, realizava-se, de paróquia em paróquia, o inventário de todos os bens afectos ao culto.

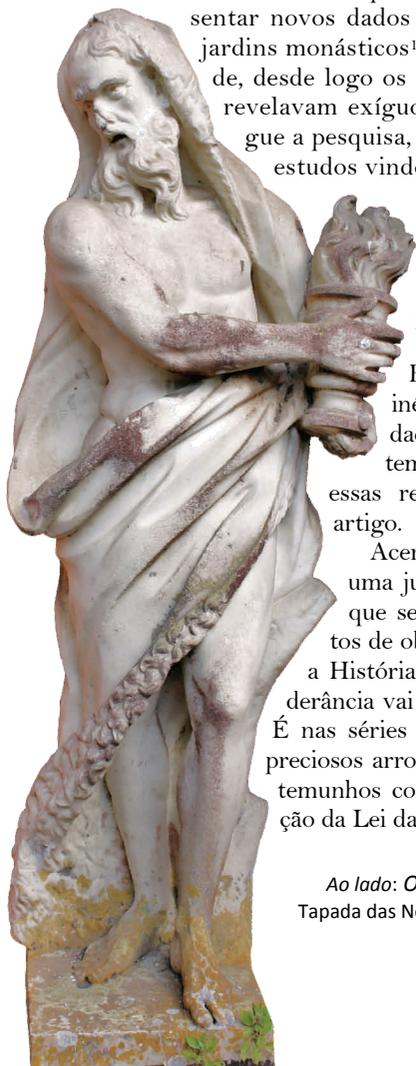
Será discussão para um outro local, mas não deixa de vir a propósito, no ano em que se evoca o centenário da República. Motivação displicente, geradora do que viria a causar polémica convulsão, nem sempre entendida, em torno dos Bens Culturais da Igreja. Bens Culturais, como os designariam nesse contexto. 100 anos depois, esta documentação assume uma relevância central para a preservação do património da Igreja em Portugal, fundamental que é, não apenas para o seu conhecimento, mas ainda para a emergente tarefa de actualização e reelaboração de inventários.

### DE S. VICENTE DE FORA AOS PALÁCIOS NACIONAIS

Quanto ao programa escultórico dos jardins de S. Vicente de Fora, cujo rasto se dissipava em finais de Novecentos, tais informações permitiram a sua reconstituição, assim como uma primeira aproximação ao seu paradeiro actual.

Delimitada em 1673, a cerca do mosteiro de S. Vicente de Fora possuía um significativo conjunto de esculturas nos seus jardins. Integradas num programa decorativo mais vasto, complementado por diversos painéis azulejares, foram cerca de 40 as obras contabilizadas.

Apesar de escassas as informações que nos esclareçam quanto à sua encomenda, é elucidativa, para o conhecimento de algumas das estátuas existentes, a descrição de D. Inácio



Ao lado: *O Inverno* | Em cima: *O Verão*  
Tapada das Necessidades | Fotos Nuno Saldanha





de Nossa Senhora da Boa-Morte em 1761: no jardim, quatro estátuas de mármore e outras figuras “que vierão de fora”; na cascata, duas “figuras de pedra” representando o *Inverno* e o *Verão* e uma *Fuga para o Egipto*; na varanda: doze grandes estátuas de pedra “que vierão de Itália”<sup>2</sup>.

Zona conventual para a qual não se conhecem descrições relevantes durante os anos seguintes, só em finais do século XVIII, quando os cônegos regantes retornam de Mafra para S. Vicente, se voltam a apurar novos dados. Referentes a intervenções no delineamento do jardim, ali se pretendia, em 1793, unir num plano regular os três sucalcos “que ja do tempo do nosso 1º Reformador erão jardim”. Intervenção “compreendida no util, e necessario para a Recreação de huns conegos clauzurados”<sup>3</sup>, alteraria, sem dúvida, a sua morfologia. Sem outras notícias de premeio, nada nos informa quanto à sua concretização.

Componente escultórica cuja existência continuará a ser referida nos anos seguintes, será em 1863, já no período em que o paço patriarcal se encontra instalado em S. Vicente de Fora, que Inácio de Vilhena Barbosa registrará uma das suas mais completas memórias. Não deixando de aludir à “grande decadência” dos jardins, descreve “20 vasos e outras tantas figuras de mármore”, no primeiro jardim, e “16 grandes vasos, 6 estatuas, e 17 bustos sobre altos pedestaes, tudo de fino mármore”, no segundo<sup>4</sup>.

Conjunto de longa data votado ao abandono, são vários os testemunhos que vão dando conta da sua crescente degradação. Mas será já em pleno século XX que se consumará o desaparecimento dos jardins de S. Vicente de Fora. Ditado pela instalação do liceu Gil Vicente nos terrenos da antiga cerca, ocupados logo em 1910, o destino das suas obras de escultura seria em breve traçado.

Inventariado o local a 16 de Março de 1913<sup>5</sup>, por esse levantamento se fica com uma noção única da dimensão e do estado de conservação das obras que sobreviviam ainda nos antigos jardins monásticos.

Ocupados parcialmente por uma cultura hortícola, ao mau estado de conservação, já registado em 1913, se acrescentariam as várias mutilações de que são alvo. Dando conta dos danos causados, informa o rendeiro da propriedade que em

todas as estátuas “e nas partes mais em evidencia, na face, nas mãos e nos pés faltam lascas e pedaços que foram propositamente partidos a martelo ou outro instrumento contundente.”. Ponderando-se, por esse motivo, a sua remoção, a transferência das obras seria também determinada por não possuírem, segundo se entendia, “valôr artístico para serem recolhidas em Museu”<sup>6</sup>.

É neste contexto que, a partir de 1917, a Comissão de Monumentos propõe a colocação das obras nos jardins de antigos palácios nacionais “da mesma época”: Necessidades, Queluz e Caxias. Numa sucessão de missivas, firmadas pelos arquitectos Ventura Terra, José Luís Monteiro e Adães Bermudes, o seu destino acabaria fixado a 30 de Janeiro de 1918. Segundo parecer dessa mesma Comissão, com vista a “dar útil aplicação e conveniente resguardo ás estátuas e vasos decorativos existentes na parte arrendada do jardim de S. Vicente de Fóra”, se determina:

1. “Que todos os vasos, e oito das estátuas pequenas, sejam transferidos para o pequeno jardim entregue aos cuidados do Liceu Gil Vicente;
2. Que as duas esfinges e as quatro estátuas das Artes, com os respectivos pedestais, sejam transferidos para os jardins do Palácio de Queluz;
3. Que as sete estátuas pequenas, restantes, com os seus pedestais, passem para os jardins da Ajuda<sup>7</sup> e Caxias;
4. Que os cuidados da remoção e colocação dos referidos objectos seja confiada ao vogal desta Comissão o escultor Sr. Antonio Augusto da Costa Motta.”

Encerrado o processo, a 20 de Junho de 1918 se reuniam em S. Vicente os representantes das entidades competentes, com vista a concertar a remoção das obras e a assinatura do respectivo auto de entrega.



Nesta página: *A Música, A Pintura, A Architectura e A Escultura*

Na página anterior: *Esfinge*  
Esculturas provenientes de S. Vicente de Fora, hoje no Palácio Nacional de Queluz | Fotos Alexandre Salgueiro

## O PROGRAMA ESCULTÓRICO

Conjunto escultórico da maior relevância, quer pela sua dimensão, quer pela sua presumível qualidade, elencam-se de seguida as obras existentes em S. Vicente de Fora entre 1761 e 1913. Investigação que carece agora de estudos concertados, nomeadamente no confronto com as campanhas realizadas em cada um dos (prováveis) jardins de destino. Também eles sujeitos a profundas alterações ao longo dos tempos, é desde logo claro que nem todas as esculturas tiveram, como se recomendava, aquela exacta aplicação.

**CERES:** Com molho de espigas sobre o braço esquerdo e na cabeça. Com 1,15m de altura, possuía em 1913 alguns dedos da mão direita partidos. Em S. Vicente de Fora localizava-se no jardim do nascente, encontrando-se, em 1913, deslocada do seu local original (possivelmente porque fazia par com a seguinte). Esta obra poderá ser uma das que se encontra hoje em Queluz, ladeando o portal de acesso à sala do trono.

**FLORA:** Figura de mulher com um açafrão de flores nas mãos e na cabeça. Descrita como idêntica a *Ceres*, em S. Vicente de Fora localizava-se no canto do terraço do arco, sobre o muro. Esta obra poderá ser, juntamente com a anterior, uma das que se encontra hoje em Queluz, ladeando o portal de acesso à sala do trono

**ARTES:** Conjunto de quatro estátuas em mármore, figurando a *Música*, a *Pintura*, a *Arquitectura* e a *Escultura*. Com 1,30 m de altura, em S. Vicente de Fora localizavam-se no pomar. Em 1913 a *Pintura* encontrava-se apeada e enterrada até meio corpo<sup>8</sup>. Destinaram-se estas obras aos jardins do palácio de Queluz, onde se encontram actualmente, em torno do lago da fachada de Malta<sup>9</sup>.

**ESFINGES:** Conjunto de duas esfinges, com 1,30m de altura por 1,00m de comprimento. Em S. Vicente de Fora localizavam-se no pomar. Destinaram-se aos jardins do palácio de Queluz, onde se encontram actualmente, no acesso ao jardim do Pênsil<sup>10</sup>.

**MENINOS:** Conjunto constituído por um menino deitado com a cabeça sobre a mão e um grupo de dois meninos lutando. Em S. Vicente de Fora localizavam-se no espaldar da cascata.

**FUGA PARA O EGÍPTO (OU REGRESSO):** Em barro policromado, este grupo escultórico era constituído pelas figuras de Nossa Senhora com o Menino, S. José, o Anjo e o burro.

Refere o inventariante tratar-se de um trabalho português do século XVIII. Conjunto descrito por Boa-Morte e pelo arrolamento de 1913, pressupõe-se, deste último, que existia também ali um *Descanso na Fuga para o Egípto*. Em S. Vicente de Fora localizava-se sobre a casa da cascata.

**VERÃO E INVERNO:** Estátuas de mármore descritas por Boa-Morte, não são referidas no inventário de 1913. Em S. Vicente de Fora ladeavam a casa da cascata. Poderão ser aquelas que se encontram hoje na tapada das Necessidades, integradas nos nichos exteriores da casa de fresco.

**BUSTOS:** Em 1863 Vilhena Barbosa contabiliza dezassete bustos de mármore sobre altos pedestais. Em 1913 são elencadas quinze *gaines* em lioz com bustos de mármore, representando imperadores romanos e outras personalidades, com 2,25m de altura. Deste conjunto, três bustos encontravam-se deteriorados e três *gaines* não possuíam bustos. Em S. Vicente de Fora localizavam-se no pomar.

**FIGURAS ALEGÓRICAS E MITOLÓGICAS:** Boa-Morte inicia a sua descrição isolando quatro estátuas de mármore que não identifica. Poderá tratar-se de um dos dois conjuntos enumerados em 1913 no pomar: oito estátuas alegóricas, quatro das quais à volta de uma fonte com vários registos de água. Ainda no pomar, são descritas mais oito estátuas de mármore, com 1,60m de altura, das quais o inventariante identifica: duas figurações de *Pomona*, a *Abundância*, a *Poesia* e *Moisés* (?). No inventário de 1913 é também referida, nas dependências do Paço, a existência de uma estátua de *Baco* pertencente ao jardim.

**CÃES:** Sem mencionar a sua localização, em 1913 alude-se à existência de dois cães sentados, com 0,75m de altura.

**VARANDA:** Boa-Morte descreve doze grandes estátuas de pedra de origem italiana na varanda sobre a cascata. Poderão ser as mesmas que em 1863 e 1913 se encontravam reduzidas a seis no mesmo local (galeria superior). Dessas, uma encontrava-se apeada, outra caída e uma outra enterrada até meio corpo<sup>11</sup>.

Expõem-se os dados e propõe-se um ponto de partida para nova investigação. Importa agora apurar, em rigor, o paradeiro das obras e proceder à necessária análise integrada deste importante conjunto escultórico, seu programa iconográfico e caracterização estilística. ■

1. SALDANHA, Sandra Costa - A escultura em São Vicente de Fora: projecto, campanhas e autores. In *Mosteiro de São Vicente de Fora: Arte e História*. Lisboa: Centro Cultural do Patriarcado de Lisboa, 2010, p. 188-207.
2. BOA-MORTE, D. Inácio de Nossa Senhora da - *Chronica do Insigne, e Real Mosteiro de S. Vicente de Fora de Cônegos Regulares de Santo Agostinho*. 1761, fl. 17-17v. ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO - *Manuscritos da Livraria*, N.º 468.
3. ARQUIVO HISTÓRICO DO PATRIARCADO DE LISBOA - *Livro dos Assentos das Determinações dos Capítulos do Convento do Real Mosteiro de São Vicente de Fora*, 1772-1834, fl. 34 v.
4. Inácio de Vilhena BARBOSA - Mosteiro de S. Vicente de Fôra. *Arquivo Pittoresco*. Lisboa. Vol. VI, 6º Ano (1863), p. 228.
5. ARQUIVO CONTEMPORÂNEO DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS - *Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais - Arrolamentos dos Bens Culturais*. Liv. 56.

6. ACMF - *Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais - Administração dos Bens Culturais*. Proc. 2326, L. 9.
7. Em toda a correspondência trocada é sempre mencionada a tapada das Necessidades como um dos locais prioritários para a transferência de peças. Esta referência aos jardins da Ajuda poderá ser um lapso.
8. Facto que poderá ir ao encontro das suspeitas do arqueólogo Ferreira Rodrigues, ao considerar que, em finais do século XIX, se terá procedido ao enchimento artificial do solo da cerca, circunstância que, naturalmente, elevaria a sua cota original.
9. Obras não localizadas nos inventários setecentistas. Cf. AFONSO, Simonetta Luz Afonso; DELAFORCE, Angela - *Palácio de Queluz - Jardins*. Lisboa: Quetzal Editores - Instituto Português do Património Cultural, 1989.
10. Idem.
11. Ver nota 8.